



FÁBRICA DE SONHOS

NUNO R.

FÁBRICA DE SONHOS

Texto de Nuno R.

vaalb.org

[Perfil no Goodreads](#)

Capa de Nuno R.

a partir de imagem de uso livre de: [Florian Klauer](#)

História inédita, escrita em 2018.

Uma máquina gigante, organismo feito de cérebros e dedos, máquinas de escrever ferrugentas e tubagem complexa. Os sons assíncronos, entropia de ritmos fragmentados. O martelar de 10 milhões de dedos nas teclas. No fim de cada linha um estalido metálico, uma campainha que desperta e pontua. E o papel enrolado, enfiado na cápsula cilíndrica, e esse cilindro enfiado no tubo. E os tubos transportando ininterruptamente milhares de cápsulas, o som a fazer imaginar que o ar solidificou e que as histórias deslizam através do atrito da respiração daquele mecanismo.

Vapor, metal oxidado, madeira mais velha que o próprio tempo.

Fora da realidade, os dedos martelam como tosse digital. De vez em quando uma cabeça levanta-se sem curiosidade, na direção inevitável de fileiras de outras cabeças baixas. Estas observam as letras que imprimem em papel sujo, numa violência de osso a embater no teclado. A cabeça levantada apresenta um rosto subtilmente pensativo, dedos suspensos no ar como se a máquina de escrever tivesse soprado uma bolha de ar, como se duvidassem da materialidade da máquina de escrever e a fossem agarrar antes de ela implodir e eclipsar-se de vez. E logo a seguir mais três, oito, duzentas, dez mil tampas a fechar as cápsulas e que quase soam a esperança. Inúmeros sons individuais lembrando que aqueles cilindros vão continuar a deslizar dentro da tubagem, invisíveis e inevitáveis. Encapsulando resquícios de emoções. Ruídos que sugerem vereditos, num todo que a percepção entende perpétuo.

Uma sensação de finitude bizarra, sem nitidez.

De cada vez que uma história acaba, é de novo a última vez. Cada história é o seu próprio fim, um cosmos inscrito na biomecânica. Um milhão de universos potenciais, a cada instante. E depois, menos um. E mais um. Cada história com o potencial de resgatar um outro criador. Nunca se sabendo quem é resgatado ou se o foi.

De vez em quando um outro ser, humano.

A sua lenta caminhada através de escadarias e escadarias, de fileiras de escritores no caos da máquina narrativa. A passagem ansiosa, a fazer levantar do seu ofício centenas de outros seres humanos, numa onda de pesado silêncio. Um passeio triunfalmente tétrico, de um arauto do próprio silêncio ou de notícias derradeiras.

Eis um novo candidato.

Os seus passos acrescentam-se às múltiplas camadas de som, tão espesso como poeira de milénios. Uma ou outra hesitação. O nervosismo de perceber que o caminho é evidente, mesmo se ninguém o aponta. Só existe um sentido, uma possibilidade. A opção de continuar até haver um assento livre. Caminha sem parar, mas aqui não existe tempo. Apenas a angústia permanente de um mesmo

momento. Há alguém que o vê, já muito longe. E que se lembra de quando parou, como todos, ao ver pela primeira vez um candidato a passar. Já sem acreditar que chegou afinal a sua vez, mas igualmente sem forças para duvidar.

O candidato avança e repara que outros caminham, insetos indolentes numa estranha locomoção em que escasseiam patas. Devagar e sem propósito aparente. São muitas centenas de bípedes, sem lugar. Os seus passos não se distinguem dos outros cliques e baques, dos ruídos e ecos que fazem parte de um mesmo rumor de máquina, monumental e constante. São a parte móvel do mecanismo. Olhando para longe, é possível ver manchas de forma humana mexendo-se no mesmo ritmo, sem tempo nem destino, em todo o lado, em todas as direções.

Olhando assim, é-lhe mais difícil acreditar que alguma vez terá lugar para escrever.

Se pudéssemos reparar na sua roupa, veríamos que é exótica. Muitas camadas assimétricas, cores contrastantes, tecidos diferentes e partes da pele expostas sem critério aparente. O candidato, diremos o candidato enquanto nos determos neste que há pouco distinguimos, avança sobre escadas de metal e piso de madeira. Já não se assustando com os bafos de vapor, relativamente em paz por saber que não precisa de tomar nenhuma decisão.

O local, tudo em redor, é como um animal mecânico. E nós humanos como que fazemos parte de uma simbiose entre organismos e mecanismos. Somos a parte que fornece energia. Que troca os últimos redutos da sua essência pela possibilidade de encontrar sentido.

Caminha, o candidato. E de cada lado tem fileiras intermináveis de humanos que ali chegaram fazendo o mesmo caminho que ele agora vai aceitando. Permite que o olhem sem expressão, numa resposta muda que parece cancelar todas as perguntas. Habitua-se ao silêncio que provoca a sua passagem. Imagina, pensamos nós, que alguém sairá ou que encontrará finalmente um lugar para se sentar.

Olhando para o lado, para a frente, para cima, percebe o nosso candidato que ali estão milhares de culturas e estéticas. Não encontra ninguém da sua proveniência, vestido de forma semelhante. E chegará mesmo a sugerir a si mesmo que todos são diferentes, cada um do milhão de escritores, ao deparar-se com tanta diversidade. Passado algum tempo, os cumprimentos e estilos de cabelo, as feições, as roupas, tatuagens e modificações parecem-lhe, será inevitável, apenas especializações de uma mesma humanidade. Toda a pele lhe parece cinza e sem apelo, como uma substância industrial. Ainda que não reconheça nada de familiar no exterior dos outros humanos, o desígnio

comum, a repetição de gestos, a monotonia maquinal de tudo leva-o a julgar que não existe verdadeira diferença entre os que ali quiseram ir.

A última decisão, lembra-se o candidato, foi ali entrar.

Agora que chegou só lhe resta aceitar tudo o que acontecer.

Na máquina de histórias, disseram-lhe provavelmente, cada um entra, encontra o seu lugar e escreve. Cada página é um esboço. E sempre que uma história ali escrita encontra o seu sonhador, um lugar fica vago. Nenhum escritor é o criador da sua própria história. Escrever é deixar de sonhar, o sonho tornado uma possibilidade de história que alguém concretizará. Agora, está nessa transição improvável entre o sonho e a escrita. Percebe que uma coisa não poderá ser consequência ou causa da outra. Os estádios são diferentes e sucedem-se, mas como se não pudesse haver nexos causais.

Disseram-lhe, provavelmente, que poucos regressam.

Ou que, pelos menos, o ritmo a que regressam não é o ritmo das civilizações. Quem sabe, talvez todos regressem eventualmente. Já depois do fim do mundo, ou da reinvenção do mundo. Ou do que quer que seja que está depois de todos os fins.

Ali entrou, o candidato, para deixar de sonhar.

Depois de muitos passos que ninguém contou, no mesmo momento eterno, senta-se. Quase instantaneamente se esquece de como encontrou um lugar vago. Foi alguém que se levantou ou encontrou já a cadeira vazia?

Sentado, deixa de ser um candidato. Escreve, quase de imediato.

As primeiras páginas são como cuspir água. Um primeiro fôlego a seguir ao afogamento. Regurgita a vontade de continuar a viver, em espasmos e grafemas.

Ao seu lado percebem que ali chegou há pouco tempo. Ou talvez vejam a sua inicial inabilidade como uma interrupção da continuidade que ali todos estão a acionar.

Olham, talvez, para as suas hesitações. Tranquilamente espantados quando ele arranca uma folha da máquina de escrever. Muito possivelmente sorrindo. Condescendentes quando o ex-candidato, repara, aflito, que as folhas se transformam em pó.

Reconhecerá, o agora escritor ou aprendiz de escritor, que o que todos têm sobre a roupa, a pele, o cabelo, é aquele pó feito de páginas interrompidas. A cinza do vazio.

Ao levantar a cabeça, repara pela primeira vez que pequenas explosões de pó se sucedem ao mesmo ritmo lento e mecânico da deambulação dos milhares de candidatos, a toda a sua volta.

Quando tenta, finalmente, enfiar uma página completamente escrita numa cápsula, nova explosão de pó. É provável que imagine que todas as histórias que não se esfumam e fazem o seu caminho misterioso pela tubagem dão azo a que um escritor saia finalmente dali, para a sua história que alguém concebeu. Mas não consegue distinguir nenhum instante em que um lugar fique vago, mesmo se ocasionalmente vê alguém sentar-se. É como se só fosse possível sentar-se, nunca levantar-se e sair.

Irá, como todos os escritores, distinguir que olhar em volta o distrai e inibe de concluir histórias potenciais. Em segundos ou séculos que ninguém conta, torna-se um só com a máquina de escrever, como os outros novecentos e noventa e nove mil, novecentos e noventa e nove.

Coberto do pó das páginas, não repara nem seleciona nada.

Acolhe o que lhe virá de algures. De dentro de si, suspeitamos.

Escreve e escreve e escreve e haverá um momento em que uma página permanece, não se transforma em pó. Um ínfimo instante de paralisia lúcida quase o leva a procurar a realidade à volta de si, ao escutar o som da cápsula a ser engolida e levada pela tubagem.

Ainda assim conseguirá continuar, mesmo se regressa ao pó em que começou.

Depois de várias histórias que seguiram pelos tubos, passado o que ele antes chamaria de horas ou talvez séculos, aceita a totalidade que não capta e imagina o tempo como um ritmo a que se assiste de um ponto de vista restrito. Uma fatia de algo triliões de vezes maior.

Sabemos que é possível sair, deixar de pertencer à grande máquina, passar a ser de novo um organismo individual. Sabemos que alguém escreve, afinal, uma história que será a de um escritor resgatado para o tempo. Sabemos porque lembramos. Nós que agora vivemos algo que já não é o que sonhámos, lembramos. Custa-nos imaginar que haja entendimento que explique os mecanismos que alimentámos, ali na fábrica de esquecer todos os desejos. Lembramos apenas a memória de uma memória.

E agora dizemos interiormente que o pesadelo terá sido o nosso passado individual. Decidimos esquecer a outra linha temporal, no suor aterrorizado de quem acorda. Preferimos acreditar que começámos já a viver assim, como anteriormente sonhámos. Atirados para a

realidade como humanos pré-fabricados. Inconformes a tudo o que é anterior ao tempo.

Recordamos o passado como quem constrói muros atrás de si.